



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS –
FATECS

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E

PROPAGANDA

TCC

PROFESSOR ORIENTADOR: Flor Marlene Dr^a.

Rafael Duarte Carvalho Pinto

Tempos de crise: Ensaio de um sujeito submerso na contemporaneidade

Brasília/DF
Junho, 2016

Rafael Duarte Carvalho Pinto

Tempos de crise: Ensaio de um sujeito submerso na contemporaneidade

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas do UniCEUB – FATECS, como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda do Uniceub – Centro Universitário de Brasília.

Professora Flor Marlene

Brasília/DF
Junho, 2016

Rafael Duarte Carvalho Pinto

Ensaio sobre os conflitos existenciais contemporâneos

Trabalho apresentado à
Faculdade de Ciências
Sociais Aplicadas -
FATECS, como requisito
parcial para a obtenção
ao grau de Bacharel em
Comunicação Social com
habilitação em Publicidade
e Propaganda do UniCEUB
– Centro Universitário de
Brasília

Professora: Flor Marlene

Brasília, JUNHO

Banca Examinadora:

Prof. Úrsula Diesel, M.^a

Prof. Rogério GIULIANO, Dr.^o

Dedico este ensaio a meus pais que sempre me auxiliaram e apoiaram minhas escolhas. O reflexo deste trabalho é a consequência de todos os ensinamentos e experiências adquiridos nesses quase 26 anos de vida.

Resumo

O presente ensaio tem por objetivo ilustrar e compreender o agir comportamental do homem pós-moderno, assim como a lógica social que rege a sociedade contemporânea, evidenciando as transformações sociais, culturais e políticas da atualidade. Dessa forma, o trabalho presente visa compreender os tempos de crise orientados pela iniciativa privada e seus valores hedonistas, assim como seu fenômeno de inovação permanente. Ao evidenciar e ao mesmo tempo ao dialogar com os autores sobre os problemas existenciais pós-modernos, é posteriormente apresentado uma hipótese que busca uma solução para a ameaça invisível que controla o discurso do poder na atual sociedade.

Palavras-chave: Iniciativa Privada, Contemporaneidade, Pós-modernidade, Liberdade de Consumo, Crise Existencial, Globalização, Vida Privada

Sumário

1 Introdução.....	7
Capítulo1 Chega de Modernidade.....	8
Capítulo2 Bem vinda pós-modernidade.....	11
Capítulo3 Bufferizando a arte e as mídias.....	15
Capítulo4 E aquela tal de cultura?.....	20
Capítulo5 O homem pós-moderno no divã.....	23
Capítulo6 O labirinto da contemporaneidade.....	28
3 Considerações Finais.....	31
4 Referências.....	33

1 Introdução

Ao viver em um mundo rodeado de estímulos, o ser humano contemporâneo se depara com uma extensa lista de opções que o impulsionam a agir conforme suas vontades, melhor dizendo, suas necessidades momentâneas. Aparentemente, tal liberdade e autonomia garantem para o homem algo que nunca durante a história lhe havia sido concedido: uma vida privada.

É a partir da vida privada que se pode entender o marco entre a passagem da modernidade para a pós-modernidade, porém tal efeito revolucionário é apenas uma pequena parte para se entender toda a lógica consumista impregnada de artifícios sedutores para uma consciência contemporânea, marcada pela falta do exercício de reflexão e da empatia com o outro.

Conjunturas a parte, este trabalho visa permitir ao leitor tentar buscar por meio de um alerta, uma espécie de reflexão sobre a atual sociedade, tendo como objetivo explicar a desconstrução da modernidade, até a ascensão pós-moderna, assim como o advento da globalização, a reformulação do conceito de cultura, a compreensão dos novos valores hedonistas e a complexidade da consciência pós-moderna.

Para a execução deste ensaio, o trabalho busca dialogar com os autores até mesmo no pós-morte, ao tentar inserir o que tais pensadores fariam se ainda estivessem vivos. Dessa forma, situado entre o poético e o didático, o leitor saberá um pouco mais sobre a realidade que o rodeia, assim como sobre a lógica(consumista) orientadora da sociedade. Para reforçar o conteúdo deste ensaio, foram utilizadas revisões bibliográficas, tais como Modernidade Líquida de Zygmunt Bauman, A Era do Vazio de Gilles Lipovetsky, Famílias, amo vocês de Luc Ferry, O existencialismo também é um humanismo de Sartre, Microfísica do poder de Foucault entre outras para identificar e analisar os problemas, as sensações, os valores e as influências inseridas da nova forma de consciência da época contemporânea.

Por fim, acaba-se essa introdução com um questionamento que talvez inclua o próprio leitor: em um mundo contemporâneo marcado pela liberdade e concessão de escolhas, por que o ser humano possui tantos problemas e angústias?

Capítulo1: Chega de modernidade

A vindoura chegada do século XX estabeleceu a transição para a contemporaneidade, ou seja, foi a precursora do advento de uma nova época: a pós-modernidade. Contudo, para se entender essa nova era, é importante compreender antes de mais nada, o declínio da modernidade, assim como a desconstrução dos valores e da perspectiva racional. O século XX foi a época em que as vanguardas da contracultura e as filosofias antinormativas se aliaram para criticar as regras de valores e as forças instituintes opressoras da época. A partir da crítica estabelecida, houve a desfragmentação da consciência racional, assim como das tradições culturais e consequentemente a instauração da esfera da intimidade marcada pelo fim da abstinência sexual, libertação dos ímpetos e rompimento com as autoridades(FERRY, 2010). Frente ao advento desse fenômeno e suas respectivas mudanças, percebe-se que essa nova revolução comportamental experimentada pelo homem só foi estabelecida graças à desconstrução dos ideais vigentes da época moderna. Contudo, o mérito de toda essa conspiração revolucionária se dá em parte pelos artistas da época, pois estes percebem que o processo de inovação artística estava intimamente relacionado com o fim da imposição dos valores estabelecidos pela cultura(FERRY, 2010). Ao se libertarem de tais valores aprisionantes e de suas censuras estéticas, esses artistas garantiram a própria liberdade de poder criar e compor.

Paralelo a esse movimento das vanguardas e seus ismos(surrealismo, cubismo, dadaísmo, etc) os filósofos do século XX mostraram ao ser humano todo o imperativo moral das instituições da época, assim como seus processos disciplinadores que garantiram a submissão do homem individualizado em prol do coletivo(Bauman,2000). O *capitalismo* desumano e desigual apontado por Marx, a *genealogia da moral* de Nietzsche, o *campo da sexualidade* de Freud, o *existencialismo* de Sartre e as *relações de poder* foucaultianas tangibilizaram toda a tirania dos valores sociais modernos para o indivíduo que passou a repensar se realmente valia a pena viver em uma sociedade marcada pela imposição de valores.

É curioso compreender que o ser humano passou a perceber que toda aquela racionalidade de certa forma era irracional, pois este compreendeu que obedecia regras de valores simplesmente por obedecer. O fim da crença na

racionalidade engendrou no homem um novo tipo de consciência, ou seja, uma espécie de despertar de um sonho, pois este pela primeira vez descobre o eu(Bauman,2000). A revelação de si para o próprio indivíduo se torna algo tão revolucionário para a existência humana que o sujeito de agora em diante altera o seu agir comportamental, legalizando gradativamente os valores que até pouco tempo atrás eram moralmente errados(LIPOVETSKY,1989). O ser humano começara a transgredir os valores morais modernos e a compreender que por trás de um cidadão cheio de deveres e poucos direitos, existe um indivíduo cheio de desejos e poucas obrigações(BAUMAN,2000).

Ironicamente, todo esse processo engajado de desconstrução dos valores sociais modernos, de críticas às forças opressoras vigentes da época e denúncia de problemas sociais garantiu, na verdade, a instauração de um novo tipo de sistema capitalista que conforme Bauman(2000), deixou de ser sólido e pesado e passou a ser líquido e leve. Posteriormente, tal metáfora será explicada para se entender a pós-modernidade, assim como o homem pós-moderno. Retomando a crítica estabelecida durante o século XX, percebe-se que os artistas e filósofos ao apontarem a imposição dos valores vigentes na época, assim como o abuso de poder do Estado e de sua relação coercitiva diante do ser humano, promovem também o enterro da modernidade e criam um buraco, o qual a pós-modernidade sabiamente soube ocupar. Para entender tal afirmação, é necessário entender mais a fundo sobre a época moderna.

A Modernidade dotada pelo fim das crenças religiosas, assumiu a ciência como instrumento aspirante para a construção de um mundo melhor, ou seja, visava um futuro marcado pelo progresso e que explicasse ao homem todas as respostas nos campos político, econômico e social(FERRY, 2010). Dessa forma, para tangibilizar o papel de cidadania e consequentemente agir com responsabilidade, é que o Estado cria instituições de controle menores(escolas, prisões, hospitais, fábricas, etc) a fim de torná-lo mais dócil(Foucault, 1989). Foucault(1989) em seus mecanismos de objetivação e subjetivação afirma que o homem moderno é na verdade um sujeito preso a uma espécie de identidade que ele reconhece sendo sua, ou seja, dentro de uma relação de dominância e submissão, o sujeito não é produtor, mas sim produzido pelas relações de poder; um mero objeto preso às normas disciplinadoras das ciências e

instituições. Retomando a compreensão do mecanismo de objetivação e subjetivação, pode-se entender que as primeiras são formas que propiciam o indivíduo a torná-lo útil na produtividade e dócil politicamente, ou seja, o transforma em um objeto (FOUCAULT, 1989). Por outro lado, os mecanismos de subjetivação implicam ao homem a adotar uma identidade estabelecida como sendo sua (Foucault, 1989). Dessa forma, segundo Foucault (1989), a modernidade, ao romper com a transcendência da religião e suas forças infinitas, mostrou ao próprio homem que este é um composto limitante, na qual a sua auto-percepção não vai além do próprio corpo e consequentemente, fazendo-o pensar que só pode ser útil se este se tornar produtivo. Altamente hierarquizada e observadora dos comportamentos morais, a modernidade, conforme Vattimo (1996) atingiu sua maturidade e posteriormente seu declínio quando esta se tornou mais autoritária e controladora, com o advento dos regimes totalitários da primeira metade do século XX (nazismo, fascismo, etc). Conforme Arent (2014), o Estado para manter a sua funcionalidade, disseminou ideias ufanistas para a sociedade e posteriormente, recrutou indivíduos que estivessem dispostos a se sacrificar pela pátria. Isso trouxe grandes consequências, pois o sujeito ao fazer frente no campo de batalha, estaria abrindo mão de seu próprio bem-estar e de sua individualidade.

O cumprimento de tais normas durante esses regimes totalitários culminou em grandes matanças. Contudo esse intenso derramamento de sangue procedido com requintes de crueldade não era refletido, mas sim submetido a uma obediência (ARENT, 2014). Conforme Bauman (2000), o determinismo social produzido pela modernidade tinha ultrapassado todos os limites e pela primeira vez, mostrou o quão coercitiva era. A eminente ameaça do Estado somado às críticas feitas pelas vanguardas artísticas e pela filosofia incitaram um espírito de revolta contra as hierarquizações e instituições de controle (LIPOVETSKY, 1989). É justamente no meio do século XX que ocorre a divisão de águas entre a modernidade e a pós-modernidade, uma vez que surge para o ser humano o fenômeno da vida privada que será explicitado no próximo capítulo.

A modernidade, com sua visão positivista de prometer um futuro melhor para a sociedade e de criar um mundo igualitário e justo para o homem fracassou. De acordo com Lipovetsky (1989) exploração nos modos de

produção assim como as eventuais punições aos indivíduos imorais foram expostas, assim todos aqueles valores sociais de cidadania e identidade social foram aniquilados. O efeito desta desconstrução dessas tradições sólidas criou, na pós-modernidade o fenômeno da sociedade horizontalizada ao instaurar a desahierarquização(LIPOVETSKY,1989). No entanto, tal flexibilidade teve consequências.

No século XX, o ser humano percebe-se como um composto histórico da época em que vive e começa a abdicar das obrigações do convívio social para aderir as vontades de uma privada(Bauman,2000). Entretanto, apesar de todas essas críticas direcionadas a modernidade, é curioso perceber que a sua morte foi estabelecida por uma de suas próprias criações. Com o fim da modernidade, as relações de poder assumiram uma nova forma de dominação que transferiram os problemas da vida pública para uma vida privada(Bauman, 2000).

Por fim, cabem algumas perguntas: quem assumiu o poder na pós-modernidade? Como funciona a consciência pós-moderna? Como se dá a relação do homem pós-moderno com a sociedade? Todos esses questionamentos serão respondidos; mais do que isso, serão compreendidos e empatizados por nossas experiências contemporâneas.

Capítulo2: Bem vinda pós-modernidade!

Após sofrer um violento golpe engendrado a partir da revolução conspiratória contra a racionalidade e a coerção controlada por hierarquias, que a modernidade desperta no ser humano um novo tipo de consciência: a pós-moderna. Essa, por sua vez descobre, que as promessas iluministas/positivistas de um mundo melhor fracassaram; mais do que isso, pela primeira vez o homem descobre que em um lugar onde existe disciplina não pode haver felicidade, uma vez que a última não se estabelece pelo convívio social, mas sim pela administração de uma vida privada(BAUMAN, 2000).

É nesse ponto que será explicado a pergunta feita no capítulo anterior. Durante o século XX, com as instituições de controle como hospitais, escolas e prisões controlando as práticas disciplinares, existia também a iniciativa privada que controlava o modo de produção da época. Com as críticas apontadas para

as relações de poder e seu respectivo controle pelas instituições, que as empresas de capital privado sabiam que precisavam se reposicionar diante da sociedade, pois também seriam hostilizadas. No caso, essa percepção de reciclar os próprios conceitos foi o maior insight entre a passagem da modernidade para a pós-modernidade, pois tais organizações garantiram algo que o ser humano até então nunca teve(Ferry, 2010). Estas empresas instauraram o fenômeno da liberdade associada ao consumo. Tal liberdade garantia ao homem pela primeira vez um processo de individualização e administração da vida privada. Todavia, nesse ponto cabe uma pergunta: como se deu esse processo de liberdade de consumo? Ciente do imperativo moral e racional do ser humano moderno, que as empresas adotaram uma perspectiva mais humanista que não só pensava em lucro, mas sim no fator humano (LIPOVETSKY,1989). Estas organizações conforme Lipovsky(1989) começaram a abdicar do processo de produção fordista que explorava os trabalhadores a produzirem em grandes quantidades, para operar um processo de personalização que dava ao homem pela primeira vez o poder de escolha de exercer sua individualidade. Na cabeça do indivíduo moderno, o sujeito pela primeira vez passa a ser controlador das relações de poder. Essa pseudo-inversão de papéis, definitivamente passou a gerir os comportamentos da época pós-moderna, uma vez que a flexibilidade e a estimulação de necessidades individuais gerou o começo de uma sociedade de consumo.(LIPOVETSKY,1989). É justamente por essa perspectiva que Baudrillard(2003) afirmou que, durante o século XX, houve um intercâmbio simbólico no qual o homem deixa de ser apenas uma força de trabalho para se tornar consumidor.

A iniciativa privada não só tirou as amarras disciplinares do Estado, como também o destronou e se autoproclamou dona do novo convívio social humano(FERRY,2000). Contudo, tal relação ao contrário de sua antepassada não se dá pelo controle e sim pela liberdade, humanização e agora pelas influências psicológicas das modalidades de socialização a partir de valores hedonistas(Lipovsky,1989). De acordo com LIPOVETSKY(1989), esses valores são a continuidade de todo esse processo humanístico, pois permitem ao ser humano atender as suas motivações e desejos pessoais, a partir do consumo, ou seja, de valorizar a diversidade entre as pessoas e afirmar pela

primeira vez que todos podem ser felizes, caso exerçam sua liberdade através do consumo. Definitivamente, o fato de viver livre sem imperativos morais ou abnegações pessoais foi o fato mais significativo dos últimos anos da existência humana. Contudo, é importante perceber que o poder de influência e orientação da iniciativa privada foi tão bem engendrado que a própria noção de consumo e posteriormente de descartabilidade vão tomar conta de todos os tipos de relações humanas(LIPOVETSKY,1989).

Para a consciência pós-moderna, as coisas assim como as pessoas são momentâneas e uma hora vão dar defeito e precisarão ser trocadas por outras novas. Esse pensamento foi estabelecido pela iniciativa privada, uma vez que na pós-modernidade e, sobretudo com o advento da globalização fazem com que as empresas entrem, conforme Ferry(2010), em um processo de inovação permanente que não tem finalidade, só espírito de sobrevivência para acompanhar as mudanças do mercado. Para enfatizar de forma mais detalhada, tal fenômeno de inovação permanente será mais bem explicado no capítulo seguinte.

Retomando o pensamento sobre a humanização das empresas capitalistas, percebe-se que estas ao substituírem a coação pela liberdade causaram a desfragmentação dos valores sociais humanos; mais do que isso, a personalidade sólida do homem moderno é substituída pelo cartão de crédito sem fundos que garante a liberdade do homem e o conduz a pensar na ideia: você é o que você compra. A liberdade de consumo está justamente no fato de mostrar que não há mais tempo para formar valores, uma vez que atualmente a consciência pós-moderna é descrente a qualquer coisa pelo simples fato de acompanhar as tendências do mercado (BAUMAN,2011). Curiosamente a esse fato, houve um filósofo do século XIX chamado Ralph Waldo Emerson(1906) que profetizou o espírito pós-moderno ao afirmar que o mundo é uma fina camada de gelo e o homem é um patinador que percebe que quanto mais veloz for ao patinar, mais seguro estará, ou seja, para o indivíduo poder coexistir na contemporaneidade, este precisa acompanhar as mudanças da vida pós-moderna.

Para entender melhor essa perspectiva, é importante compreender que o mundo contemporâneo reformulou suas promessas da modernidade, pois substituiu a lógica de oferecer um futuro melhor por uma constante apreciação

do presente(LYON,1998). A iniciativa privada convenceu, conforme Bauman(2000), que o mundo líquido é o lugar que o sujeito pode exercer toda a sua individualidade e ao mesmo tempo ser feliz ao ter autonomia em fazer suas escolhas. A metáfora do líquido é justamente o ponto crucial para se entender o homem pós-moderno. Respondendo a pergunta do capítulo anterior, percebe-se que todo líquido não possui forma, mas ao colocá-lo dentro de um recipiente vai assumir o formato de seu portador, ou seja, ao contrário da solidez da modernidade, as coisas escapam por entre os dedos, portanto o ser humano percebe que não adianta mais possuir valores e convicções sólidas, pois estas deságuam. Paralelo a toda essa problemática, surge pela primeira vez um sentimento de angústia por parte do homem contemporâneo, uma vez que esse incessante apelo em abraçar o novo reflete em uma constante falta de satisfação plena(BAUMAN,2000). O lidar humano com essa angústia traz consigo dois possíveis efeitos colaterais antagônicos. Por um lado, esse estado de espírito pode na maioria das vezes servir de motor para viciar a sociedade a consumir sua liberdade e bem-estar pessoal pela compra. Por outro e de forma bem mais remota, pode fazer com que o homem reflita sobre a ameaça em que vive por meio de um sistema que enalteça a realização pessoal pela necessidade de consumir.

Retomando essa sensação de falta de satisfação plena por parte da sociedade contemporânea, Bauman(2000) afirma que a angústia é produto das próprias escolhas concedidas pela iniciativa privada, pois com tantas opções a serem escolhidas, o homem pós-moderno na ambição única de usufruir a opção com os melhores benefícios, torna-se incapaz de saber qual é a melhor decisão para si. A finitude do homem contemporâneo em querer exercer sua liberdade pelo ato de consumir sem usar nenhum instrumento de reflexão caracteriza a pós-modernidade como a era do vazio, marcado por uma consciência supérflua em que existe um aperfeiçoamento constante das coisas(produtos e serviços), mas não um auto-aperfeiçoamento humano(LIPOVETSKY,1989). A consciência pós-moderna definitivamente é um grande paradoxo, pois o indivíduo ao administrar sua vida privada se sente livre e feliz para consumir, mas ao mesmo tempo sofre com angústia em ter que escolher a melhor opção para si. Talvez isso passa ser melhor entendido pela fundamentação de Lyotard (1979), uma vez que este afirma que o homem pós-

moderno, ao tentar afirmar sua individualidade autêntica, cai em uma automatização do social, justamente porque o ser humano atualmente vive em uma espécie de neoxmarxismo, no qual tudo ganha o status de mercadoria, inclusive o próprio conceito de conhecimento. Este último por sua vez, é a força motriz que perpetua e conduz a sociedade à prática de jogos de linguagem atrelados ao consumo como forma de expressão individual(Lyotard,1979).

A revolução das práticas comportamentais humanas contemporâneas sofreu muitas mudanças, mas uma coisa se manteve de um novo jeito. Se Foucault estivesse vivo, diria que o processo das relações de poder nunca foi tão perfeito. Ao oferecer um mundo permissivo, sem mais a dialética do certo e errado, mas sim agora por meio de uma gama de infinitas possibilidades, que a iniciativa privada tomou o lugar do Estado e iludiu o homem ao convencê-lo de que é o detentor do poder e autônoma social. De fato, ele deixou de ser engrenagem da produção moderna para tornar-se mercadoria da própria iniciativa privada. Retomando a ideia de que o consumo invadiu as relações humanas, percebe-se que o próprio homem substitui e é substituído em seus relacionamentos interpessoais, uma vez que a partir do momento em que ele enxerga as novas opções na sua frente e percebe que as pessoas ao seu redor não mais o satisfazem, ele simplesmente as troca por outras.

Capítulo3: Bufferizando a arte e as mídias

É necessário começar este capítulo, afirmando explicitamente a vital importância da comunicação para a existência humana. De fato, já é praticamente impossível ficar sem falar e ouvir durante algumas horas, mais atualmente é muito mais incômodo a sensação de não sentir ou provar, melhor dizendo de não ser estimulado sinesteticamente. O advento das mídias alterou as interações sociais e a estrutura social em si, uma vez que os canais de comunicação estão intrinsicamente atrelados com processo de desenvolvimento das forças produtivas(SANTAELLA,2005). A descoberta dos meios de comunicação alterou profundamente a perspectiva de pensar, uma vez que nos revelou um cotidiano até então invisível: a espetacularização de nossa existência através da inserção de uma nova forma artística ou simplificando, a invasão da mídia. Dessa forma, os meios de comunicação, sobretudo com a era digital vem causando uma forte influência comportamental

no agir humano. Baudrillard(2003) afirma que a contemporaneidade é dominada pelas imagens dos meios de comunicação e isso tem um grande efeito para a sociedade atual, pois isso altera a compreensão da realidade, uma vez que tais imagens produzidas conduzem o ser humano a dissociar os objetos de suas representações. Dessa forma, o legado cultural de tal façanha é de que os signos se desassociaram das coisas significadas e o resultado final é que os significantes no século XX perdem o seu significado(LYON,1998)

É importante perceber que as mídias vem com o passar do tempo democratizando informações que antes eram desconhecidas pela grande maioria da população humana. Definitivamente os meios de comunicação vem desmonopolizando o acesso privado de informações justamente para informar ao homem sobre as características da época no qual vive e consequentemente o conduzir a agir inconscientemente conforme tais preceitos(BAUMAN,2011).

Na pós-modernidade, com o surgimento da internet e das mídias sociais, o poder de influência dos meios de comunicação aumentaram drasticamente, pois nesse meio tempo a iniciativa privada humanizou as propagandas e criou a questão da interatividade(FERRY,2010). O engendramento desses fenômenos aconteceu, pois a iniciativa privada percebeu que a propaganda é o instrumento canalizador para garantir a libertação pessoal e autonomia humana que tanto faltava para a época normativa da modernidade(Ferry,2010). Após a segunda metade do século XX, a propaganda se readaptou no mercado e deixou de refletir o caráter comercial para assumir um lado mais humanizado e por assim dizer, mais compatível com os costumes e cotidiano do homem contemporâneo(BRUNNO,1987).

É curioso perceber que se na modernidade, o ser humano comprava algum produto com o sentimento materialista em possuir e guardar algo, na pós-modernidade este consome com o intuito de usufruir tal mercadoria, assim como seus valores agregados(BAUMAN,2011). Definitivamente, houve um aperfeiçoamento no conteúdo das mensagens publicitárias, uma vez que agora o seu caráter imperativo comercial é substituído por pensamentos flexíveis que valorizam a felicidade, o aproveitar momentos, a aceitação pessoal etc.(BAUMAN,2011). No entanto, como diz a própria definição da palavra, momento é um curto espaço de tempo que em breve será soterrado no campo

do passado. É com essa perspectiva que a iniciativa privada, através da publicidade, cria o conceito de modismo, pois inicialmente seduz o indivíduo ao ato de consumo e conseqüentemente o incita a descartá-lo justamente para manter a sua própria mensagem de liberdade; a felicidade pelo consumo.

Se, por um lado, houve uma mudança radical por parte das empresas em humanizar o conteúdo de suas mensagens publicitárias para seduzir a sociedade, por outro é com o advento da era digital que se começa a entender ainda mais a lógica do homem pós-moderno. Com a invenção da internet, descobre-se um teletransporte para um novo mundo: o virtual(BRUNNO,1987). Nesse novo mundo, surgem os conceitos de conexão e interatividade, ou seja, da ação de influência entre as pessoas por meio de estímulos rápidos e incessantes através de informações(BRUNNO,1987). A interatividade permitiu ao homem a se conectar e ter acesso a informações como nunca visto antes. É importante perceber que a era digital além de alterar as formas de comunicação, também criou o conceito de interatividade como instrumento para democratizar e levar a domínio público, assuntos até então pouco comentados ou até mesmo censurados(BAUMAN,2011). Curiosamente a interatividade na internet se deu principalmente pela propagação da pornografia e posteriormente ao surgimento das mídias sociais(Brunno,1987). É curioso perceber que a onda do culto ao corpo e libertação humana garantida pela iniciativa privada desfragmentou o conceito de tabu e emancipou a acessibilização da exposição do nu e das práticas sexuais, a fim de garantir ainda mais para o ser humano a questão de valorização da individualidade e diversidade tão presentes na época contemporânea.

A interação digital, assim como as mídias sociais proporcionaram para a consciência pós-moderna uma nova forma de vida: a virtual. Mais do que facilitar a comunicação entre as pessoas, as mídias sociais e suas conversas on-line alteraram o relacionamento do indivíduo com as demais pessoas. Ao contrário de uma vida social ao lado de outros indivíduos, a vida virtual oferece mecanismos de como controlar nossas conversas(Bauman,2011). Dessa forma, a internet e o on-line permitem ao homem pós-moderno selecionar seus amigos, justamente por uma aproximação que distancia, ou seja, por uma delimitação que controla a presença do outro na vida do indivíduo(BAUMAN,2011).

Na pós-modernidade, todos estão conectados, pois ao se tornar usuário e possuir um perfil nas mídias sociais, o homem pós-moderno se torna eu.com, ou seja este adquire o controle por suas buscas na internet(Bauman,2011). A vida on-line garante uma existência extra corpórea ao homem contemporâneo, pois este não mais se concebe enquanto apenas um corpo, mas sim virtual que viaja por fios teleféricos, está conectado a um computador e pode estar em vários lugares ao mesmo tempo. Nessa nova vida on-line cada vez mais presente, prioriza-se a quantidade de bate papos, ou seja, isso implica na alteração da qualidade das interações sociais, uma vez que o homem pós-moderno renuncia gradativamente o contato físico em prol das múltiplas conexões on-line que permitem falar com várias pessoas ao mesmo tempo(Bauman,2011).

Busca-se uma credibilidade pessoal, melhor dizendo uma nova forma de se auto-enxergar e de ser enxergado pelos outros. No entanto, essa percepção de si não é inicialmente feita pelo próprio indivíduo, mas por buscas relacionadas que triangulam informações e sugerem a ele a curtir determinadas coisas ou a encontrar amigos de amigos. Na pós-modernidade, há uma crise de identidade social em que o próprio homem torna-se incapaz de se auto-definir, contudo graças as informações adquiridas com os clicks diários do computador que a internet instrumentaliza uma noção não mais de personalidade, mas sim de estilo. Este último, ao contrário da personalidade que guarda valores sólidos e convicções firmes é bem flexível e por assim relacionado a um composto mercadológico, uma vez que o homem pós-moderno se define atualmente pelas coisas que consome, ou seja, pelo livro que lê, pelo filme que assiste, pelas fanpages que frequenta etc.

Paralelo a mudança dos valores midiáticos na pós-modernidade, é importante perceber que existiu um fenômeno maior que impactou a relação do homem contemporâneo com o meio em que vive e a sua relação com os demais. O surgimento da globalização não só se apropriou dos meios de comunicação como os usou para seguir frente às novas regras de consumo, afim de integrar as sociedades a uma mesma regra de valores(Ferry,2010). Mas que valores são esses? Tais valores são conforme, Lipovetsky(1989), valores hedonistas que enaltecem o culto à liberdade e à autonomia individual humana por meio de escolhas associadas ao consumo.

Contudo essas escolhas não são causa, mas sim consequência da iniciativa privada, que cada vez mais, acelera a substituição da linha de produtos de seu mix de mercado(FERRY,2010). É notório perceber que constantemente os automóveis e produtos eletrônicos mudam e evoluem, criam-se mais aplicativos e funções para celulares, as conexões de internet e telefonia se aperfeiçoaram ou que os dispositivos de segurança se tornem mais efetivos. De acordo com Ferry(2010), essa constante atualização e aperfeiçoamento das coisas segue uma lógica de competição irrefreável pelas empresas. A globalização exige que as organizações se adaptem constantemente, uma vez que o descumprimento dessa regra acarreta no suicídio destas marcas frente ao mercado(FERRY,2010). Ainda conforme Ferry(2010), a concorrência incessante não é uma questão de gosto ou escolha, mas sim um imperativo absoluto, ou seja, uma necessidade de sobrevivência. Contudo, ao analisar tal processo de inovação e progresso constante, percebe-se que esta lógica ao contrário da ciência da época moderna não segue um princípio norteador que enalteça a representação de um mundo melhor, ou seja, a pós-modernidade é desprovida de uma finalidade ou objetivo definido.

Dessa forma, na época da globalização, as empresas e os seres humanos acompanham as mudanças tecnológicas e inovações simplesmente porque precisam acompanhar para não sofrerem as consequências das regras de consumo de um mundo capitalista líquido.

Se a mídia e a globalização alteraram as práticas de comunicação, é porque na pós-modernidade se utilizaram da propaganda para orientar os comportamentos sociais a partir das práticas do mercado(BAUMAN, 2011). Altamente liberal e focado nos seus consumidores, conforme a definição, mercado é a entrega de satisfação para o cliente em forma de benefício(Kotler e Armstrong, 1997). Nessas últimas décadas, o mercado realizou um processo de customização de produtos e serviços que associados a propagandas garantiu todo esse aperfeiçoamento e por assim dizer, esse darwinismo pós-moderno de se adaptar constantemente. Além disso, conforme as aspirações no processo de inovação e de mudanças tecnológicas, que o mercado com seus sistemas de inteligência, passa a compreender cada vez mais a mente do homem pós-moderno ao tentar buscar aproximações por meio de ações de

marketing de relacionamento com o público externo e endomarketing com o interno.

É interessante perceber que, com a industrialização dos meios artísticos, os novos modos de produzir não dependem mais de vanguardas, nem demandas de artistas, mas sim diretamente de um mercado sedento por novidades composto em parte por agências de publicidade e pelas mídias e em parte por usuários domésticos(Santaella,2005). No século XX, principalmente com a inserção da fotografia, literalmente foi revelado ao homem que o seu olhar era definido por valores culturalmente e ideologicamente instituídos o que nos remete a uma ideia de mecanização a princípio da arte e posteriormente da perspectiva humana (SANTAELLA,2005). A arte ao virar fotográfica no século XX permitiu gradativamente a convergência com as comunicações. Na verdade a fotografia se tornou popular, pois o seu valor artístico estava voltado em retratar o cotidiano social, assim como os grandes centros urbanos da época (Dubois,1998). Com a popularização das mídias e a inclusão digital a todos, é possível que cada pessoa possa fazer vídeos e montagens caseiras divulgando sua própria visão artística. Contudo, conforme Santaella(2005) parece que os limites entre a realização artística e não artística estão cada vez mais difusos e isso consequentemente acarreta na desvalorização do artista profissional e de suas obras que são constantemente substituídos por designers e publicitários e seus respectivos layouts.

Capítulo4: E aquela tal de cultura?

Considerada um mal necessário para se agir em conformidade dentro de uma sociedade por meio de gestos moralmente pré-estabelecidos(Laraia,2001), a cultura é por si um conceito difícil de ser definido, inclusive pelos próprios antropólogos. Goodenough(1975) por exemplo afirmava que cultura é um modelo de conhecimento no qual consiste em tudo aquilo que o ser humano precisa assimilar ou crer para agir de maneira adequada dentro de uma sociedade. Max Weber(1993) já dizia que cultura é um processo pelo qual o homem nada mais é do que o fruto de teias de significados que ele mesmo criou. Já Lévi-Strauss(1993) afirmava que cultura é uma forma simbólica, ou seja, uma criação acumulativa da psiqué humana para pertencer a um determinado grupo social. É curioso perceber que apesar das

definições e ideias serem distintas, estas não se contradizem, pois o próprio conceito de cultura se readapta constantemente. E é justamente nesse ponto que cabe um questionamento: como se pode definir cultura em pleno século XXI em uma sociedade pós-moderna?

A globalização e o fim do capitalismo sólido para uma forma mais líquida e por assim dizer mais inerente e camuflada nas relações humanas vem de certa forma aniquilando a pluralidade cultural para instaurar uma espécie de homogenidade comportamental (BAUMAN,2000). Contudo, essa forma de alienação foi tão bem engendrada que se tornou uma espécie de violência invisível. A diversificação das mídias se tornou um instrumento para que possamos operar dentro de uma sociedade global. Dessa forma, pode se perceber que atualmente quase todas as culturas da modernidade aderiram a uma moral compartilhada, ou seja, a hábitos online que se viralizam rapidamente pelo mundo e se tornam padrões a serem aprendidos(BAUMAN,2011). Contudo, percebe-se que esse empobrecimento cultural impulsionou um outro fenômeno: a flexibilidade da liberdade de expressão (BAUMAN,2011).

Durante a modernidade, sobretudo no século XX, houve o fenômeno da massificação cultural a partir do surgimento e aprimoramento da indústria. Na pós-modernidade, com o advento da globalização e da comunicação digital e midiática as fronteiras culturais foram sendo invadidas pelo simbolismo marqueteiro e publicitário do mercado mundial (BAUMAN,2011). Essa nova circunstância proporcionou uma revolução cultural para sempre em todas as sociedades, uma vez que houve uma mudança no convívio social entre as pessoas que compartilhavam dos mesmos costumes(BAUMAN,2011). Bauman (2011) afirma que toda cultura mantinha tradições durante a sua existência e que com o surgimento de novas gerações, havia uma reinterpretação de tais costumes criando uma nova identidade para velhos hábitos socialmente compartilhados. Todavia, na globalização há uma mudança comportamental do ser humano, pois com o advento das mídias eletrônicas, todas as culturas passaram a ter acesso entre si e isso permitiu ao homem a comparar a sua cultura e seus valores sociais com as culturas e valores alheios(BAUMAN,2011). Tal curiosidade, mostrou ao homem um mundo que ele até então pouco conhecia e, mais do que isso; o fez repensar sobre os seus

próprios valores sociais. Ao fazer esta reflexão, ele percebeu que, em vez de ficar preso a um grupo social podia ser livre e viver em um mundo sem regras pré-estabelecidas(Bauman,2011). Definitivamente, a globalização criou uma emancipação cultural ao romper em primeira instância com o caráter ritualístico, moralista, político e social da cultura e consequentemente instaurar a permissividade e horizontalidade de uma cultura consumista e hedonista.

Esse complexo e sorrateiro mundo globalizado também produz mecanismos de integrar a todos, uma vez que a flexibilização da liberdade de expressão garantiu a emancipação de minorias e grupos marginalizados a terem voz ativa dentro da sociedade(Ferry,2010). Definitivamente no mundo pós-moderno, há uma inversão de valores, pois temas como machismo, racismo e homofobia vem cada vez mais deixando de serem tratados como temas tabu e gradativamente se tornam cabíveis de punição . O preconceito no século XXI ameaça a diversidade que por sua vez ameaça a liberdade de expressão, pedra fundamental da vida privada na atualidade.

Contudo, é importante entender que a liberdade de expressão não foi inicialmente criada para defender os fracos e oprimidos nem garantir igualdade para as minorias, mas sim para ampliar a cartela de consumidores(BAUMAN,2011). É graças ao capitalismo que se encontra produtos de sexshop exclusivos para homossexuais ou que se popularizou os elementos culturais dos afro-descendentes como apropriação cultural, ou que garantiu ao sexo feminino a liberdade de poder abortar. Lyotard(1979) afirma que atualmente não cabe mais aos autores e produtores imporem suas opiniões sobre os artefatos culturais, uma vez que estes últimos não são mais exclusivos de sua autoria; atualmente a participação popular se torna inseparável na produção cultural, pois a cultura também se tornou mercadoria e como tal precisa ter o aval de aprovação de seus consumidores. Isso pode ser melhor explicitado quando se refere na preocupação de empresas e emissoras mensurando a audiência e público de seus programas e produtos respectivamente.

Certamente o capitalismo líquido é um mundo sórdido cheio de ilusões dentre as quais faz com que o homem pense em ser o dono de suas próprias escolhas(BAUMAN,2000). Existe muito jogo de interesse e mérito dessa atual cultura pós-moderna, pois é pela atual cultura global que é garantido a

valorização das diferenças raciais, sexuais e comportamentais dos seres humanos(Ferry). Dessa forma, as peculiaridades que caracterizam os indivíduos não se dão mais pela cultura, mas sim pela mídia e pelos souvenirs culturais consumidos que rodeiam o ser humano (LYOTARD,1979).

Se já era difícil definir o conceito de cultura na modernidade, agora torna-se quase impossível determinar tal ação, pois os hábitos aprendidos se transformam constantemente. Na verdade, não são mais hábitos, mas sim modismos que só saem de moda quando são substituídos por outros tão ou mais voláteis(Bauman,2011). Provavelmente tanto Levi-Strauss, como Goodenough ou Weber diriam que hoje em dia o homem pós-moderno não é tão diferente dos índios do século XV quando ficaram encantados com os presentes europeus. Atualmente o capitalismo líquido e suas formas de consumo garantiram ao indivíduo a possibilidade de obter sua própria identidade pelas suas escolhas monetárias e por assim dizer, pelas tendências do momento(Bauman,2000). Por fim, cabe uma pergunta: para que o ser humano precisa de raízes culturais, se ele pode ter asas para o consumo?

Capítulo5: O homem pós-moderno no divã

Ao verificar as notícias diárias pelo jornal, rádio, televisão ou internet, pode se reparar com certa frequência que tais meios de comunicação dedicam-se a falar sobre o bem estar humano. Contudo ao ler os títulos das notícias, percebe-se uma contradição. Os temas mais recorrentes de tais matérias falam sobre depressão estresse e ansiedade. Estudos e pesquisas apontam que o grande mal do século XXI serão transtornos psicológicos envolvendo tais sintomas. É nesse ponto que cabe uma indagação: o mundo pós-moderno não ofereceu a promessa de poder ser feliz e livre?

A fortaleza de vida globalizada finalmente revela suas rachaduras. Dessa forma, parece que atualmente o homem sofre da síndrome pelo novo e a notícia ruim é que ainda não existe tratamento e muito menos cura para isso. Por outro lado, pode se constatar um fato positivo, o ser humano não está louco, só está iludido com tantas promessas feitas pelo capitalismo. Contudo, o que não era óbvio até então, é que todo esse vigor de se embriagar pelo novo resultaria algumas vezes em uma forte ressaca moral que revela toda a fragilidade do indivíduo pós-moderno. Os psicólogos e psiquiatras apesar de

conseguirem cada vez mais pacientes, não conseguem fazer diagnósticos precisos para esses enfermos. Se Freud estivesse vivo e pudesse ter seções de psicanálise com o indivíduo pós-moderno, correria para colocá-lo no divã e ouvir todas as suas aflições desde o Alzheimer pelo antigo até sua síndrome pelo novo. Ao final da seção, ele chegaria a um diagnóstico: o homem pós-moderno sofre da desvirtuação de id, ego e superego. Todavia, para entender a suposta aplicação de tais termos, é preciso entender inicialmente a definição destes.

O id, segundo Freud(1997), é a parte inconsciente do ser humano, ou seja, é a energia dos instintos e consequentemente a vontade de satisfazê-los. É esta parte que regem as necessidades do indivíduo, sendo as vezes fundamental saciá-las para reduzir o nível de tensão na mente e no corpo. O ego, conforme Freud(1997) é o aspecto mais racional da personalidade humana; dessa forma possui o papel de intermediar as necessidades do id com as ordens e regras do superego, ou seja, é este que vai impulsionar o homem a escolher agir de forma racional ou passional e instintiva. Já o superego, é o aspecto pelo qual o indivíduo interioriza as proibições e limites, ou seja, é a parte que o censura e o implica a afirmar que isso ou aquilo não é certo de se fazer(Freud,1997). Dessa forma, Freud(1997) afirma que superego é uma espécie de freio que atua como aspecto moral da psique humana, instaurando todos os valores e regras comportamentais adequados para se viver em sociedade. Assim para Freud, superego e id sempre travaram uma batalha entre si, na qual o ego tenta retardar as necessidades do id para momentos e lugares mais adequados, enquanto superego tenta anular completamente a satisfação do id em busca da perfeição e aceitação social.

O interessante de tudo isso, é perceber e consequentemente testemunhar que os conceitos freudianos ajudaram a desconstruir os ideais metafísicos e a racionalidade da modernidade do século XX inventando a vida boêmia e libertando as dimensões do inconsciente (da libido e da animalidade) que há dentro do ser humano(Ferry, 2010). Entretanto, tal visão libertadora que inicialmente garantiu o direito da vida privada e da esfera da intimidade para o homem foi traída pelo próprio fruto de sua criação. Na pós-modernidade, ocorre uma subversão em relação aos conceitos freudianos. Estes não se aplicam da mesma da mesma forma pelos quais foram inicialmente estabelecidos, uma

vez que na atual sociedade os valores sociais não pregam mais a questão de moralidade, mas sim de valorização do eu(BAUMAN,2000). Com a instauração da vida privada, as pessoas foram incentivadas a valorizar as suas necessidades íntimas, ou seja, aquele superego que na modernidade tentava anular os ímpetus agressivos e sexuais do id, hoje em dia os glorifica e os valoriza. Uma das grandes sacadas da pós-modernidade, é perceber que houve uma mudança revolucionária, pois o superego deixou de duelar com o id e passou a valorizá-lo, despertando assim, toda a parte inconsciente humana.

Por outro lado, esses feitos conquistados há poucas décadas, também trouxeram efeitos colaterais para o indivíduo. Para facilitar o raciocínio, é interessante comparar a psique humana com um iceberg. Na modernidade, a parte visível desse grande pedaço de gelo representa o lado racional humano, enquanto a parte submersa e por assim dizer mais densa e maior representa o inconsciente. Na pós-modernidade, o tal iceberg vira e dessa forma, submerge a pequena parte racional para o fundo e torna visível a grande parte inconsciente. É justamente nessa parte que acontece uma das principais discussões desse capítulo; assim cabe a pergunta: se o superego atualmente apoia o id, qual é o papel atual do ego?

Na atual sociedade, o superego se subverte inflando o id e mascarando o ego. Dessa forma, percebe-se que o indivíduo pós-moderno é escravo de sua libido e de seus desejos. Hoje em dia, o homem é seduzido pelas inúmeras oportunidades em que pode escolher, portanto para este se sentir satisfeito, ele precisa abraçar o maior número de possibilidades e descarta-las mais rápido ainda para poder escolher de novo(BAUMAN,2000). Assim, é possível perceber que o indivíduo precisa idealizar cada vez menos para realizar e suprir todas as necessidades cada vez mais voláteis.

Retomando a psicanálise freudiana, percebe-se que apesar do ser humano realizar cada vez mais o ato de satisfazer as necessidades do id, com o intuito de aliviar a tensão interna, este se torna cada vez mais tenso. Por que? A resposta para esta questão está no próprio pensamento freudiano. Na pós-modernidade, o ego não consegue buscar o equilíbrio entre id e superego, pois ambos estão pesando para o mesmo lado. Dessa forma, se o ego não consegue fazer a tomada de suas próprias decisões, é porque o ser humano está passando por uma crise de personalidade. A intensa pressão do superego

e id sobre o ego, conforme Freud(1997), causa transtornos psicológicos na mente humana. Assim percebe-se que o indivíduo se torna mais frágil emocionalmente, devido a supressão do racional pelo consciente.

Ao analisar o limiar da discussão pela perspectiva freudiana, percebe-se que apesar de existir um diagnóstico que identifica os sintomas do homem pós-moderno, também fica visível a imprecisão da psicanálise em conseguir um tratamento para corrigir tais transtornos psicológicos. Se a batalha entre o consciente e o inconsciente é tendenciosa para um dos lados, significa que não é por essa linha de raciocínio que se encontrará a luz do túnel

Nesse ponto, é interessante perceber que se a solução da pós-modernidade não está no campo do inconsciente, esta pode estar na esfera da reflexão pela existência. Os pensamentos sartrianos revolucionaram a compreensão de vários conceitos, assim como a forma de enxergar o mundo, a si e aos outros. Se Sartre estivesse vivo e ouvisse o indivíduo contemporâneo perceberia muitas coisas, dentre as quais que este ser humano não possui um projeto de vida a longo prazo e que suas escolhas nada mais são do que o ato da má fé. Todavia, antes de usar a visão sartriana como instrumento que contextualiza a problemática da atual sociedade, é indispensável recordar alguns conceitos deste filósofo entendedor do comportamento humano.

A filosofia sartriana valoriza o ser humano, uma vez que este ao contrário dos animais possui uma existência que precede a essência, ou seja, o homem se descobre, surge no mundo e conseqüentemente torna-se capaz de se auto-definir(SARTRE,1973). Contudo é possível que alguém pergunte: como o homem é livre e pode exercer essa liberdade? Retomando o raciocínio, Sartre(2005) afirmava que o indivíduo é o único ser que tem consciência de si e que é capaz de usar a própria consciência para se auto-examinar e conseqüentemente fazer suas próprias escolhas. Dessa forma, o homem não é “em si”, mas sim “para si”, pois este percebe que existe ao descobrir sobre sua existência(SARTRE, 1973). Além disso, este também percebe que não há inicialmente essência, ou seja, modelos orientadores que pré-determinam sua vida. Dessa forma, se não há tais modelos, o homem percebe-se como o nada(SARTRE,1973). Contudo, Sartre(1973) afirma que é justamente a compreensão de ser nada que garante ao homem a possibilidade de criar sua essência por meio de sua liberdade e de sua capacidade de se fazer escolhas.

No entanto, ao se fazer tais escolhas, o indivíduo experimenta uma sensação de angústia, pois percebe todo o vazio de sua existência e isso pode implicar segundo Sartre(1973) na escolha pela má fé. Eis que tal ato nada mais é do que não conseguir suportar a angústia e preferir fingir em escolher, ou seja, o homem aceita que sua vida é um destino pré-estabelecido, sem fazer o uso de reflexões. Dessa forma, percebe-se que a má fé é um ato em que o ser humano escolhe mentir para si mesmo.

Para Sartre(1973), a busca pela essência é um exercício diário no qual o homem precisa se reinventar por meio de suas escolhas, assim como poder ser capaz de se responsabilizar por seus próprios atos na hora de criar o seu projeto de vida. Ao se descobrir no mundo, o ser humano começa a compreender as coisas e percebe que além de sua própria existência, existem os outros, ou seja, ele percebe que sua própria existência se dá pela presença dos demais(SARTRE,1973). É nesse ponto que a filosofia do Sartre atinge o seu maior nível de humanização, pois este compreende que apesar das diferenças entre os projetos de vida de cada ser humano, todos podem ser vistos como formas de lidar com o mundo e de compreender a existência de si e do outro.

Na atual sociedade globalizada, Sartre diria que o homem pós-moderno apesar de ser livre para fazer suas próprias escolhas, carece do exercício de reflexão para julgá-las. Dessa forma, o ser humano contemporâneo, além de sofrer com o transtorno da angústia por meio de suas escolhas, estaria cometendo o ato da má fé consigo mesmo. Proveniente à contemporaneidade, o advento da invasão de descartabilidade em prol do novo nas relações humanas torna o indivíduo aparentemente não imputável por seus próprios atos, pois este ao ser sorrateiramente conduzido a aceitar os valores externos sem nenhum tipo de consciência perde a capacidade de se auto-definir. É obvio que tal sujeito tem consciência de sua própria existência, tanto é que ele escolhe as coisas para satisfazer as suas necessidades, porém se ele aceita um destino pré-estabelecido que afirma que a felicidade está no quão rápido se consome as coisas, pode-se implicar automaticamente segundo o pensamento sartriano duas coisas: a primeira que ele perdeu a sua essência, pois suas escolhas se tornaram de certa forma condicionadas. A segunda é que tal sujeito não mais possui um projeto de vida a longo prazo que o lance para

frente, mas sim, vontades voláteis que cumpram a necessidade de felicidade em um curto espaço de tempo. Se o homem pós-moderno não consegue se definir, é porque ele não consegue se auto-examinar por meio de sua consciência; e se este não consegue usar devidamente a sua consciência, ele não vai conseguir realmente compreender a real importância do outro na sociedade e consequentemente a de si próprio. O homem conforme Sartre(2005) é um sujeito desamparado, sem valores que pré-determinem sua existência, porém o indivíduo que se auto-percebe como o nada é capaz de a partir disso buscar um futuro por meio de suas escolhas e projeto de vida.

Enquanto isso, ao se analisar o homem pós-moderno, percebe-se que a permissividade dos valores hedonistas, assim como o culto à libertação individual por meio do consumo, faz com que este aceite irrefletidamente as variáveis externas como forma de escolha. Sartre(1973) afirmava que a lucidez humana está em poder julgar as coisas na medida em que se vive, ou seja, que o agir ético sempre esteja refletido dentro das ações e experiências e que ao mesmo tempo permita com que o discurso não se contradiga e acabe virando um ato de má fé.

Antagônico a esse pensamento, existe o agir moral que apesar de ser altamente permissivo na contemporaneidade, promove um determinismo sócio-econômico, pois conforme Nietzsche(2005) é pelo próprio ato de se viver em uma sociedade amparada por valores e regras que tornam a vida humana suportável. A herança do projeto de vida como algo orientador para a existência humana deu lugar a um adaptável processo de inovação, sedução e indiferença desenfreados. Na verdade, a pós-modernidade não é uma época e sim, uma fase carregada de momentos particulares curtos, mas intensos. Esses momentos, conforme Bauman(2011) colocam em evidência, a fragilidade atual dos laços humanos. Dessa forma, termina-se esse capítulo com uma pergunta: será que o ser humano está vivendo tempos de crise?

Capítulo6: O labirinto da contemporaneidade

Ao ler o final do capítulo anterior, pode parecer um tanto quanto contraditório, porém é necessário começar essa discussão vindoura enaltecendo a contemporaneidade. Os tempos pós-modernos garantiram ao

ser humano inúmeras conquistas de liberdade, sobretudo as individuais, na qual o indivíduo se tornou maior de idade para viver a sua própria vida e livre das amarras autoritárias da modernidade. A pós-modernidade ao contrário de sua antecessora triunfou e definitivamente não se vê ameaçada por críticas suficientemente fortes para derrubá-la. Essa última parte pode ser melhor entendida quando compreende-se que na terra passional da contemporaneidade não dá para racionalizar as coisas.

As sensações sinestésicas dos tempos atuais mostraram ao homem que as experiências de vida se concentram no presente, melhor dizendo, nos momentos(BAUMAN,2000). No entanto, é nesse ponto que se deve fazer um questionamento: até que ponto chega o triunfo da contemporaneidade? É interessante comparar a pós-modernidade com um labirinto, onde o indivíduo tem a liberdade de escolher os caminhos por onde quer passar, porém muitas vezes ao fazer tais escolhas este acaba encontrando becos sem saída e quando isso acontece, surge por meio da consciência conforme Bauman(2000) uma espécie de angústia que se reflete em uma crise existencial e um sentimento de estar perdido.

É importante perceber que a pluralidade de escolhas eliminou a dicotomia de certo e errado e isso gera relevantes consequências(Lipovetsky,1989). Ao se pegar emprestado a filosofia de Nietzsche, pode-se afirmar que atualmente a sociedade contemporânea vive uma espécie de niilismo na qual os valores sociais carecem de sentido e utilidade para uma consciência pós-moderna. A descrença no social somado à atual fragilidade das relações humanas gera uma espécie de pessimismo. Todavia, é importante dar crédito à revolução capitalista globalizada engendrada pela iniciativa privada na qual muitas vezes consegue mascarar tal sensação ao oferecer uma terapia contra o estresse, melhor dizendo, em associar felicidade com liberdade de consumo(Lipovetsky,1989). Retomando o “pessimismo oculto” vivenciado pelo homem pós-moderno, pode-se afirmar conforme Agamben(2008) que o ser humano se tornou um anti-sujeito descrente de auto reflexões, de seu papel social de cidadão e da importância do outro para a formação da sociedade, assim como de suas relações interpessoais. Contudo, é importante perceber que tal apatia se manifesta exclusivamente pelo sintoma da angústia de escolher, que por sua vez ,faz se refletir sobre uma nova instância; a de que o

homem contemporâneo ao contrário do que se pensava, vive em um outro dualismo: não mais de certo e errado, mas sim de felicidade e apatia. Não é curioso perceber que a própria força motriz(iniciativa privada) só consegue manter a satisfação volátil dos desejos pela desapreciação dos mesmos?

Retomando a metáfora do labirinto, percebe-se que a lógica da contemporaneidade não é chegar até o grande prêmio localizado no centro do labirinto, mas sim de perder-se no emaranhado de caminhos e achar que na próxima curva vai haver uma saída. Ao levar essa discussão para o campo da filosofia, observa-se a disparidade entre o agir moral e o agir ético. Considerando conforme Camus(1967) que moral é fruto de normas vigentes e orientadoras para se estabelecer o convívio social entre os indivíduos de uma mesma sociedade e ética como uma forma de lidar com as circunstâncias da vida e com os outros indivíduos por meio de uma própria liberdade de escolha que pressupõe-se que na contemporaneidade, a moral se sobrepõe a ética.

A iniciativa privada ao deter das regras sociais e orientar a sociedade por meio de valores que enalteçam a liberdade de consumo está induzindo ao homem contemporâneo a agir conforme aos seus impulsos passionais(Ferry,2010). Isso acarreta em duas grandes problemáticas: a primeira que na atualidade, o ser humano opta pelo agir moral em detrimento do agir ético e a segunda que a moral na pós-modernidade condiciona as escolhas humanas, justamente porque suprime o agir ético reflexivo. Contudo, é importante perceber que tal supressão ética não se deve a uma falta de caráter do homem contemporâneo, mas sim de uma questão de alienação. Em tempos de crise, o indivíduo contemporâneo perdeu o seu agir sócio-político e o que é pior; a solução desse problema não mais se refere a partidos de esquerda ou de direita, mas sim de incentivar o ser humano a se engajar nas causas sociais sem deixar de lado a administração de sua vida privada.

O individualismo do sujeito promoveu uma problemática altamente complexa e difícil de ser revertida , uma vez que se na pós-modernidade já é complicado tentar resolver os próprios problemas, imagina ajudar os outros? Enfim, para os poucos indivíduos contemporâneos que ainda são capazes de refletir sobre a sua existência, assim como o meio em que vivem, a pós-modernidade por um lado parece uma areia movediça que puxa o homem para baixo e este por sua vez, tenta se salvar puxando os próprios cabelos para cima.

3 Considerações finais:

Definitivamente o homem saiu de um abismo para entrar em outro. A culpa não é dele, pelo contrário. De sua curiosidade, este saiu do monótono exílio racional e caiu no intrépido mundo passional incapaz de dizer não às próprias vontades. O fogo que o consome já não mais apaga. Parece que além da morte, surgiu uma outra certeza na vida contemporânea; o desafio de existir algo que rompa com os valores hedonistas da contemporaneidade. Dessa forma, surge uma pergunta: por que o indivíduo não cria um novo tipo de super homem neonietzschiano?

A primeira vista, realmente parece impossível achar uma solução em um mundo que cultua a cultura do individual e da indiferença pelo outro. Contudo, já que o homem atual vive em uma total descrença das coisas, a luz do fim do túnel não seria ser descrente da própria descrença?

É fundamental que alguém comece a estimular uma nova tomada de posição; e talvez tal iniciativa possa começar pelo agir político. É importante não se prender a questões de direita e esquerda, mas sim de mostrar que o lado social também pode beneficiar o lado privado. Mais do que querer culpar ou premiar, é importante que a política ressalte que a relevância do individual só faz sentido pela existência de um coletivo.

É justamente pelo agir político que se pode exercer a própria individualidade e ao mesmo tempo ultrapassar a esfera do consumo ao buscar a reinvidicação dos próprios direitos. A maior problemática disso tudo é tentar mudar o discurso do: eu sou o que eu compro para eu sou aquilo que eu me engajo a defender. É importante combater os preceitos da iniciativa privada por meio de alegorias críticas. Contudo, tal ação altruísta não pode ser explícita ou imposta, uma vez que ao recordar o passado, percebe-se o fracasso da modernidade. É preciso ser sutil e não coercitivo, sendo assim, tal mecanismo só poderia ser estabelecido pelo instrumento da arte. Uma das funções artísticas é justamente mascarar por elementos estéticos e diálogos, críticas referentes a época que o homem vive.

Dessa forma, os alertas propostas pela arte somado ao imperativo do agir político em lutar pelos direitos são passíveis de que em um futuro remoto o ser

humano se revolte contra as normas de poder e consequentemente possa reaver aquilo que um dia ele chamou de sociedade.

4 REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD,JEAN. A sociedade de consume, Lisboa Edições: 2003
- BAUMAN, Zigmunt. 44 cartas do mundo líquido moderno. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BAUMAN, Zigmunt. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BRUNO,GIULIANA. Intimidade Pública: Arquitetura e Artes Visuais, Mit Press, 2007
- CAMUS,ALBERT. A inteligência e o cadafalso e outros ensaios: Rio de Janeiro, RECORD, 1967
- DUBOIS, PHILIPPE. O ato fotográfico e outros ensaios. CAMPINAS : PAPIRUS , 1998 , 2.ed
- EMERSON, RALPH WALDO. Prudence. Nova York: M. Shepard Company, 1906
- FERRY, Luc. Diante da crise: materiais para uma política de civilização. Trad. Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- FERRY, Luc. Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010
- FOUCAULT, MICHEL. Microfísica do Poder, Rio de Janeiro: GRAAL, 2007, 23.ed
- Goodenough, Ward H. 1975 [1971]. "Cultura, linguagem e sociedade", Trad: Kahn, J.S., 1975, 1.ed
- KOTLER, PHILIP e ARMSTRONG, GAR. Introdução ao Marketing. Rio de Janeiro,1997
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: Um conceito antropológico. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- LEVI-STRAUSS, CLAUDE. Antropologia Estrutural, Rio de Janeiro: Tempo BRASILEIRO, 1993, 4.ed
- LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Relógio d'ÁGUA, 1989.
- LYON, DAVID. Pós-modernidade, São Paulo: Paulus, 1998
- LYOTARD, JEAN-FRANCOIS. A condição pós-moderna, Rio de Janeiro: JOSE

OLYMPIO, 1979, 6.ed

Machado, Roberto. Nietzsche e a verdade. São Paulo: Graal, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo?
São Paulo: Paulus, 2005

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um humanismo. Trad. de Vergílio
Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção "Os Pensadores").

VATTIMO, GIANNI. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura
pós-moderna, São Paulo: Martins Fontes, 1996

WEBER, MAX. Conceitos Básicos de Sociologia. Trad. de RUBENS
EDUARDO FERREIRA FRIAS E GERARD GEORGER, São Paulo: Centauro,
2003, 3.ed